

## Fatores envolvidos na classificação de peles e couros bovinos nos Estados de Mato Grosso e Rio Grande do Sul

Mariana Dias<sup>1</sup>; Manuel Antônio Chagas Jacinto<sup>2</sup>; Douglas Luiz Andreolla<sup>3</sup>; Alexandra Rocha de Oliveira<sup>4</sup>; Waldomiro Barioni Junior<sup>2</sup>; Willian Bertoloni<sup>5</sup>; Mariana de Aragão Pereira<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Aluna de graduação em Química, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, mariana\_mmkr@hotmail.com;

<sup>2</sup>Pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP;

<sup>3</sup>Aluno de mestrado em Ciência Animal da Universidade Federal de Mato Grosso, MT;

<sup>4</sup>Aluna de doutorado em Produção Animal da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Jaboticabal, SP;

<sup>5</sup>Professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia da Universidade Federal de Mato Grosso, MT;

<sup>6</sup>Pesquisadora da Embrapa Gado de Corte, Campo Grande, MS.

O setor de peles e couros no Brasil apresenta fortes indicadores de competitividade, em 2008 foram exportados US\$ 1,88 bilhão em couros e importados US\$ 149,4 milhões, gerando um saldo de US\$ 1,73 bilhão (Saldo, 2009). Apesar de sua importância, o Brasil produz peles de baixa qualidade e não existem políticas que determinem a remuneração pela qualidade da pele, fundamental para a redução de defeitos. Decorrente da relevância do problema e de trabalhos anteriores (Pereira et al., 2007), foi proposto o estudo de um sistema de classificação de peles bovinas composto de três categorias: A (melhor), B (segunda melhor) e D (desclassificada), segundo Instrução Normativa (IN) MAPA nº 12 (Brasil, 2002), que classifica as peles bovinas porém, com a substituição do nível “C” pelo “D”. A área de observação proposta na mesma IN foi ampliada, da região do *grupon* (dorsal), para toda pele. Foram utilizadas no experimento, 1000 peles fornecidas por dois frigoríficos de Várzea Grande, MT e 1000 peles fornecidas por um frigorífico de Bagé, RS. Após o abate e a esfolagem dos animais, as peles foram transportadas para um curtume e identificadas. Todas as 1000 peles avaliadas no Mato Grosso e 940 (94,0%) no Rio Grande do Sul foram desclassificadas (D) por apresentar, pelo menos, uma marca a fogo no *grupon*, conforme a IN nº 12. A classificação comercial foi realizada com os couros inteiros (peles curtidas), no estágio *wet blue*. Na classificação comercial foram avaliados os defeitos que depreciam o couro: ectoparasitas, ferimentos e marca a fogo. Os defeitos foram quantificados e expressos em intensidades: “pouco”(1), “médio”(2) e “muito”(3), considerando também a ausência de defeitos. Devido à intensidade e localização dos defeitos, os couros foram classificados em seis classes: A, B, C, D, E, R. A classe “A” foi atribuída a couros de melhor qualidade e, decrescendo em qualidade (A a R), o “R” foi considerado refugo. No Estado de Mato Grosso, durante a classificação comercial, não foi encontrado couro da melhor classificação (A), e somente 14 (1,4%) couros da classe (B), no universo de 1.000 couros avaliados. No Estado de Rio Grande do Sul, foram identificados 248 (24,8%) de couros da classe (A) e 143 (14,3%) da classe (B). Considerando os dados encontrados pode-se afirmar que o couro do Estado do Rio Grande do Sul é melhor qualitativamente do que os do Estado do Mato Grosso.

**Apoio financeiro:** Finep.

**Área:** Produção Animal/Qualidade de Produtos Agropecuários.